

No Vale dos Pequenotes

O povo que habitava o Vale dos Pequenotes era um povo muito diferente de todos os outros do resto do planeta. Diferenciavam-se logo pela baixa estatura, já que um metro e vinte era a média de altura dos adultos. De olhos grandes arredondados, madeixas ruivas soltas e desordenadas que faziam o cabelo parecer despenteado, e com um sorriso sempre afável, os Pequenotes, como eram conhecidos, eram realmente simpáticos.

O seu dia a dia parecia uma festa interminável, mas só quem passava por lá podia entender. A sua roupa simples transformava-se num autêntico arco-íris ambulante tal era a variedade de cores que faziam questão de usar. No entanto, a sua característica mais importante era o facto de poderem levitar. Levitar é até uma forma modesta de colocar a questão. Na realidade o que eles faziam era mesmo voar. Voar sem asas, ou seja, elevarem-se no ar e movimentarem-se com a maior das facilidades para onde quer que entendessem ir. Mas para que isso pudesse acontecer era necessário ter em conta um pequeno pormenor...

Melody e Coromy eram duas amigas que viviam numa das dez aldeias existentes no vale. Depois da escola e já com os deveres feitos saíam para brincar. E tal como todas as outras crianças, adoravam fazer os jogos próprios para a sua idade. Jogar à apanhada era o máximo. As piruetas que faziam no ar na tentativa de escaparem aos outros transformavam o jogo numa espécie de dança divertidíssima para eles e espetacular para quem observasse o grupo de mais longe. E jogar às

escondidas também não ficava atrás. Esconderem-se no ar era muito mais difícil que fazê-lo em terra. No ar, podiam esconder-se ou trocar de sítio muito mais rapidamente, mas também era mais fácil para quem procurava. Se não se escondessem bem atrás de uma chaminé ou pendurados no lado de uma varanda, ou mesmo se não se confundissem suficientemente bem nos ramos das árvores, então seriam descobertos com certeza. E lá voltavam eles às cambalhotas, piruetas e reviravoltas, a fugir e a perseguir, numa brincadeira que não acabava mais.

Mas hoje as duas amigas foram apenas passear. É claro que passear continuava a significar voar, livres da gravidade, sentir o ar refrescar-lhes a cara e apreciar a paisagem magnífica que aquele seu vale lhes proporcionava. Voavam de mãos dadas, baixavam devagarinho por cima do rio que corria com o vale, e divertiam-se a passar rentinho à água, roçando nela com a ponta dos pés e deixando para trás um rasto de pequenas ondas a borbulhar. Novamente lá em cima, admiravam a beleza daquelas flores magníficas que cobriam por quilómetros o sopé das montanhas em tons de amarelo e púrpura. Únicas no planeta, as Zéblias eram as flores que mantinham as abelhas em intensa atividade. As colmeias construídas pelos Pequenotes ao longo do vale eram prova disso.

Esquecidas das horas, foi Coromy que lembrou à amiga:

“Melody, acho que está a escurecer. Temos que regressar.”

“Tchiiii... Tens razão, andámos mesmo distraídas” concordou Melody, prendendo atrás da orelha a madeixa que teimava em cair para a frente do nariz.

Deram meia volta e voaram em direção à sua aldeia.

Daí a pouco, Coromy olhou a amiga com ar apreensivo e perguntou:

“Já reparaste que temos vindo a voar cada vez mais baixo?”

“Agora que falas... Parece que isto não significa coisa boa,” disse Melody.

E não significava. À medida que avançavam cada vez mais devagar foram baixando, baixando, até finalmente pousarem no caminho paralelo ao rio. A energia que lhes possibilitava voar tinha-se esgotado. E como entretanto já escurecera, a única coisa que as iria ajudar no regresso a pé era a claridade proporcionada pelas duas luas, o que permitia que distinguissem tudo à sua volta.

“Bom, resta-nos andar,” disse Melody resignada.

“Pois, andar e rezar para o castigo não ser muito grande,” acrescentou a amiga, não querendo imaginar o raspanete que iriam ouvir. E continuou, “Não faço ideia quanto falta para chegarmos...”

Puseram-se a caminho, confiantes que até não fosse longe e que apenas ouvissem um pequeno sermão por chegarem tarde para jantar. Infelizmente assim não aconteceu. Tinham passado duas horas, e nada. Estavam tão cansadas que decidiram parar e descansar sentadas numas pedras grandes junto do caminho. Já nem sabiam se tinham força para continuar.

Passados uns instantes repararam nos dois vultos que se aproximavam ao longe a voar. Sorriram uma para a outra e Melody disse para a amiga:

“Alguém deu pela nossa falta. E acho que isso é bom e também é mau”, concluiu, apertando os lábios com força e arqueando as sobrancelhas, o que fez com que os seus olhos redondos se abrissem ainda mais.

Aguardaram em pé a chegada dos pais de cada uma, os quais não perderam tempo em repreensões, mal pousaram o pequeno pote que transportavam.

“...E que nunca mais volte a acontecer!” rematava o pai de Melody. “Têm que ter noção do tempo que andam por aí.”

O pai de Coromy continuou:

“Vá, e agora comam lá!” disse, abrindo o pote. “Uma colher a cada uma é o bastante.” E entregou-lhes a colher que trazia embrulhada no bolso.

Primeiro uma e depois outra, as meninas comeram deliciosas o precioso líquido espesso, cuja cor de ouro brilhava com o luar. Passados uns minutos sentiam-se de novo cheias de energia e daí a pouco já voavam os quatro em direção à aldeia.

Os quatro... e o pequeno pote, feito de um material especial, único para conservar o mel que todas as abelhas produziam a partir das flores que apenas ali existiam. Sim, mel era a palavra mágica, mel do pólen e néctar das Zéblias, uma fonte de energia maravilhosa que lhes dava o poder de voar e que todo o povo do Vale dos Pequenotes aproveitava da melhor maneira.